

Entre memória e esquecimento: a missão do Bibliotecário

Tony Macedo (UFPE) - tonybernar@hotmail.com

Resumo:

Apresentamos uma discussão sobre o papel do Bibliotecário em relação à dialética da memória e do esquecimento, a partir do livro Missão do Bibliotecário do filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Mostramos a importância do profissional da informação no processo do fluxo informacional, da produção do conhecimento ao acesso daquilo que foi produzido pela humanidade. Discutimos a importância da memória como recurso imprescindível, não apenas como um elemento do passado, mas também como um componente importante para entendermos o futuro.

Palavras-chave: *Memória. Esquecimento. Bibliotecários*

Eixo temático: *Eixo 9: Bibliotecas, Preservação e Memória.(Gestão de Preservação em Bibliotecas; Gestão de Coleções Especiais e Livros Raros; História dos Bibliotecários e da Biblioteconomia no Brasil; Sustentabilidade, preservação e baixo recursos; Democratização, acesso e preservação de acervos patrimoniais).*

Introdução

Tornaram-se senhores da memória do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 1996, p. 426)

Os primeiros “senhores” da memória e do esquecimento foram os anciões nas sociedades baseadas na oralidade, responsáveis pela transmissão do conhecimento humano “autênticos especialistas; chefes de família já idosos, bardos, sacerdotes, que assumem, na humanidade tradicional, o importantíssimo papel de mantenedores da coesão do grupo” (LEROI-GOURHAN, 1965, p.59). Ortega y Gasset nos diz que estes senhores da memória “eram os que sabiam mais porque tinham maior memória, eram mais ‘livros vivos’ do que os jovens, livros, por assim dizer, com mais páginas” (2006, p.53).

O desenvolvimento da escrita permitiu à memória coletiva a sua exteriorização, no entanto, Leroi-Gourhan, nos conta que até o aparecimento da imprensa dificilmente se distingue entre transmissão oral e a transmissão escrita. “A massa do conhecido está mergulhada nas práticas orais e nas técnicas; a área culminante do saber, como um quadro imutável desde a Antiguidade, é fixada no manuscrito para ser aprendida de cor...” (p.62).

A passagem da memória oral à memória escrita é certamente difícil de compreender, confessa Le Goff (p.437), ao tentar nos ajudar a compreender este momento, o autor, nos apresenta um texto e nele nos mostra o que talvez seja o surgimento dos *funcionários da memória*, diferentemente dos anciões que desempenhavam a função de transmitir a memória através da oralidade e que ocupavam este cargo por possuírem maior repertório de conhecimento, livros com mais páginas como disse Ortega y Gasset, estes “funcionários” eram servidores do Estado.

O fato esclarecedor da passagem da oralidade à escrita nos é interessante, no entanto, o que nos chama maior atenção é o fato de Le Goff

nos ter sugerido o aparecimento do profissional arquivista, e onde teria surgido o bibliotecário, este outro também funcionário da memória, senhor da memória e do esquecimento?

Ortega y Gasset nos conta que o bibliotecário é um ser renascentista do século XV, “aí vemos surgir imediatamente o bibliotecário como profissão” (p.20). O autor nos lembra que houve época que não haviam bibliotecários porque na haviam livros e épocas que já haviam livros mas não existiam bibliotecários, mas isso não significa dizer que não haviam homens que cuidassem dos livros, diz o autor. “Sem dúvida, sem dúvida, haveria algum homem que não se contentava, como os outros homens, em simplesmente ler livros, mas os colecionava, ordenava, catalogava, e cuidava deles.” (p.10). Isso se deve ao fato de que, até a Renascença o livro não tinha existência social. O livro é uma criação da tipografia, e a tipografia é uma criação da Renascença, nos lembra Martins (2002, p.332).

Discussão

Martins distingue, na história dos bibliotecários, duas grandes fases: a primeira que vai da Renascença até meados do século XIX, onde o bibliotecário é um profissional contratado por instituições particulares, “sem formação especializada, quase sempre um erudito ou um escritor a quem se oferecia oportunidade de realizar em paz a sua obra, livre de preocupações materiais” (p.332). A segunda fase, a partir dos meados do século XIX, onde o Estado reconhece o bibliotecário como representante de uma profissão socialmente indispensável. “O passo decisivo na evolução de vossa carreira começa a se verificar algumas décadas mais tarde, cerca de 1850”, nos aponta Ortega y Gasset (p.22) e, conclui: “O incidente mais importante certamente pensareis comigo – que pode acontecer a uma profissão é passar de ocupação espontaneamente fomentada pela sociedade a burocracia do Estado” (p.23).

De acordo com Martins, durante esta segunda fase ainda era comum se confiar grandes bibliotecas a escritores e eruditos sem formação técnica. Este cenário irá mudar “por força da própria especialização, a necessidade de fazer do bibliotecário um funcionário especificamente treinado para as suas funções” (p.332). O autor nos diz ainda que na América Latina este período é mais

tardio, apenas em 1912 é que Ezequiel A. Chávez dá início no México ao curso de Biblioteconomia que constituem o reconhecimento definitivo das novas necessidades.

Da “invenção” renascentista aos dias atuais, qual será a missão do bibliotecário? Buscamos a resposta no texto *Missão do bibliotecário* escrito por Ortega y Gasset em 1935 por ocasião do 2º Congresso Mundial de Bibliotecas e Bibliografia, realizado em Madri. A missão é algo exclusivo do homem, sem homem não há missão, diz o autor.

Ortega y Gasset aponta a grande produção desenfreada de livros como um grande problema, “em toda a Europa existe a impressão de que há demasiados livros[...]O próprio homem de ciência adverte que uma das grandes dificuldades de seu trabalho está em orientar-se na bibliografia de seu tema” (p.34). De acordo com autor, o livro deixou de ser um desejo e passou a ser sentido como um peso.

A partir desta constatação o autor desenha o que seria, ou melhor, quais seriam as missões do bibliotecário. “ A partir de hoje terá que cuidar do livro como função viva:terá que exercer a polícia do livro e tornar-se domador do livro enfurecido.” (p.39). Malheiro (2011) Diz que o livro aparece para Ortega y Gasset como fonte de conflito e implicava, conseqüentemente, uma mudança de postura por parte dos bibliotecários. Essa mudança de postura seria a nova missão do bibliotecário.

Para tornar-se “domador” do livro enfurecido, o bibliotecário teria que enfrentar a explosão bibliográfica. “A cultura, que havia libertado o homem da selva primeva, lança-o de novo em uma selva de livros, não menos inextricável e sufocante” (p. 40). O autor salienta que: “é preciso que se deixe de ser um problema para um autor reunir a bibliografia descritiva e seletiva sobre assunto de seu interesse.” A missão do bibliotecário neste momento seria de criar uma nova técnica bibliográfica de um automatismo rigoroso, sugeriu Ortega y Gasset, “nela alcançara sua potência máxima o que vosso ofício iniciou há séculos com a figura da catalogação” (p.43).

A preocupação do filósofo espanhol diante a o crescente número de publicações, sugere uma outra missão para o bibliotecário. De acordo com o autor, a maior parte das publicações são inúteis ou estúpidas, “sua

conservação constituem um lastro a mais para a humanidade, que já anda excessivamente curvada sob o peso de outras cargas.” (p.43). Por outro lado, reclama o autor, que é sentida a falta das publicações de outros livros, cuja ausência acaba prejudicando o andamento das pesquisas.” O excesso de livros têm a mesma origem: a produção se faz sem governo, abandonada quase totalmente à espontaneidade do acaso.” Desabafa o autor. A nova missão sugerida por Ortega y Gasset seria a regulamentação da publicação de livros, por parte dos bibliotecários, a fim de decidirem o que se é desnecessário, e o que realmente merece ser publicado para que “não falem aqueles que são exigidos pelo conjunto de problemas vivos de cada época.” (p.44).

Por último, Ortega y Gasset, sugere como missão para o bibliotecário a orientação do leitor não especializado na selva dos livros. “Nesta dimensão de seu ofício imagino o futuro bibliotecário como um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem.”(p.46).

Embora, algumas das missões sugeridas por Ortega y Gasset, sejam controversas, o pensamento do autor reflete um período particular na história ocidental, e logo percebemos que naquele momento a explosão informacional estava em pauta, era um problema a ser resolvido, compreendido por profissionais que atuavam diretamente com a situação em questão, esses profissionais eram os bibliotecários, cuja missão o filósofo espanhol prescreveu.

Considerações finais

Para além das recomendações de Ortega y Gasset, a missão primordial do bibliotecário deve ser a de promover o amplo acesso à informação, à memória, como recomenda Le Goff: “Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para servidão dos homens” (p.477). Os senhores da memória devem estar atentos à esta missão, do contrário, serão senhores do esquecimento. Apontamos dois momentos distintos, de autores diferentes, sobre a importância da memória para a construção do futuro, pois o que está em jogo, diz Le Goff.(p.544), “é nada menos do que a passagem da recordação através das gerações”.

A tradição é biologicamente tão indispensável à espécie humana como o condicionamento genético o é às sociedades de insetos: a sobrevivência étnica funda-se na rotina e progresso, simbolizando a rotina o capital necessário à sobrevivência do grupo, o progresso, a intervenção das inovações individuais para uma sobrevivência melhorada (LEROI-GOURHAN,1965, p.23)

É preciso que a memória se esforce por conservá-la. Mas a memória não sequer capaz de conservar todas nossas próprias ideias, e é muito importante que possamos conservar as de outros homens. É tão importante que é isso o que mais caracteriza nossa condição humana. O tigre de hoje tem que ser tigre como se jamais houvesse existido tigre algum: não tira proveito das experiências milenares por que passaram seus semelhantes no profundo fragor das selvas. Todo tigre é um primeiro tigre; deve começar desde o princípio sua profissão de tigre. Mas o homem de hoje não começa sendo um homem, mas, ao contrário, herda as formas de existência, as ideias, as experiências vitais de seus ancestrais e parte, portanto, do nível representado pelo passado humano acumulado sob seus pés. Em face de qualquer problema, o homem não se encontra sozinho com sua reação pessoal, com o que lhe ocorre voluntariamente, mas com todas ou muitas das reações, ideias e invenções de seus antepassados. Por isso sua vida é feita com a acumulação de outras vidas; por isso sua vida é substancialmente progresso.(ORTEGA Y GASSET, 2006, p.28)

Os pensamentos dos autores acima, nos revela o quanto o acúmulo e mais ainda, o acesso à memória é vital à nossa condição humana. O bibliotecário, como profissional científico da memória deve, de acordo com Le Goff, fazer da luta pela democratização da memória um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica.

Referências

LE GOFF, J. **História e memória**. 4 ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra**. Lisboa: Edições 70, 1965.

MALHEIRO, Armando; RIBEIRO. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da informação**. Recife: Néctar, 2011.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: História do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do Bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.